

Tão perto, tão longe
Invariâncias e alterações das regras
fundamentais na psicanálise *on-line*: paradoxos

So close, so far away
Invariances and alterations of the fundamental
rules in on-line psychoanalysis: paradoxes

Paulo Sérgio Lima Silva*

Resumo

O artigo aborda as características de um *setting* clássico em psicanálise, com um breve histórico das transformações nele ocorridas no decorrer do século XX, até nossos dias, sendo talvez a sessão *on-line* a mais radical. São discutidas as invariâncias, mas principalmente as alterações das regras no *setting* associadas a esta última modificação.

Palavras-chave: Clínica psicanalítica. *Setting*. Sessão *on-line*. Regras fundamentais.

Abstract

The article approaches the characteristics of a classical psychoanalytic setting, with a brief previous history about its transformations during the XXth century until our current days, being the online session the most radical. The invariances are discussed, but mainly the alterations of the rules in the setting, associated to this last modification.

Keywords: Psychoanalytic clinic. *Setting*. Online session. Fundamental rules.

* Psicanalista. Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Membro Aderente e Supervisor da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro (SPCRJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. pslimasilva@terra.com.br

Parte I

Divido minha exposição em três partes: uma *introdução*, um *breve histórico* das mudanças no *setting* e finalmente as vicissitudes das regras fundamentais, acrescentando no final uma página com ilustração clínica.

A partir de março de 2020, com a pandemia do coronavírus, o atendimento *on-line* – até então exceção apenas para permitir o atendimento de pacientes distantes – se tornou obrigatório, mesmo para aqueles psicanalistas que anteriormente defendiam em artigos ou conferências o presencial como garantidor da transferência.

Não houve jeito. Devo dizer que afora o impacto inicial com queixas de cansaço (que se mantêm) e de um contato mais superficial, esta modalidade se tornou rotina. Rotina com ganhos secundários, sendo o não deslocamento o principal mencionado entre esses ganhos. Por isso vários pacientes manifestam desde já o desejo de permanecer no virtual, mesmo quando cessar a pandemia.

Muito já se produziu sobre tudo isto: *lives*, conferências, até livros. Eu mesmo escrevi dois artigos, tendo sido o primeiro publicado no número 42 dos *Cadernos de Psicanálise CPRJ*, sob o título *O medo e a experiência do tempo, do espaço e do contato durante o confinamento* (SILVA, 2020).

Segundo Green (*apud* PERELBERG, 2021), o *setting* clássico une três características: *sonhos* (entenda-se um ensimesmamento narcísico e acesso ao inconsciente), cuidado materno (nos termos de Winnicott) e a *proibição do incesto* (ou função paterna, segundo Freud). De acordo com Green, “a simbolização do *setting* é, portanto, a simbolização da estrutura inconsciente do complexo de Édipo, a qual é provocada pelo *setting*” (PERELBERG, 2021, p. 16).

Este *setting* clássico se materializa através de um trato entre paciente e analista e implica o estabelecimento de regras sobre divã, frequência, honorários, férias etc... E naturalmente implica também o respeito às prescrições garantidoras do funcionamento do processo: neutralidade e abstinência, atitudes pertinentes ao analista, e a associação livre (sendo esta a regra fundamental por excelência) esperada do analisante, com o seu correlato no terapeuta, a atenção flutuante.

No modo *on-line* são verificáveis algumas alterações nas três dimensões citadas por Green, sendo, a meu ver, a segunda delas – a recriação de uma situação de cuidados – a que mais se mantém inalterada. As outras serão examinadas no decorrer da exposição.

Nesse novo funcionamento à distância alguns mantiveram, através do atendimento por telefone, a principal característica do divã: não ver o analista. Mas a grande maioria optou pelo Zoom, Skype etc., o que exatamente sugere as reflexões que vou desenvolver.

Apesar das conexões às vezes ruins e das interrupções da internet, a transferência – motor maior dos tratamentos – se mantém e os processos caminham. Para usar uma expressão cara à psicanálise inglesa, os processos resistem ao teste de *tolerância à frustração*. Se as dimensões metafóricas do *setting* sobrevivem na mente do paciente e na do analista, a análise continua, mesmo na ausência de sua fisicalidade. De modo geral, então, na minha experiência e na de oficinantes, colegas e supervisionandos, posso afirmar: a psicanálise *on-line* funciona.

Sim, funciona, mas, posto isso, vale examinar algumas características, bem *sutis*, verificáveis nesta modalidade de comunicação. Em especial sob o ângulo sugerido pela Comissão de Formação: nas vicissitudes das chamadas regras fundamentais.

O que vou expor se apoia na minha vivência profissional nesses 19 meses e na de alguns colegas com quem conversei. Não fica claro o que é idiossincrasia da minha amostra e o que seria representativo de uma resposta mais específica e geral ao novo dispositivo. Certamente haverá algum reconhecimento e concordância com o que experimentei e percebi, assim como discordâncias e acréscimos por parte de muitos que me leem. Afinal são muitas e diferentes amostras clínicas.

Falei acima em características *sutis*. Estas *sutilezas* são consequências de alterações no *setting* que vêm progressivamente acontecendo há algum tempo e, a meu ver, ainda não suficientemente assimiladas nem analisadas. Proponho um breve histórico dessas mudanças.

Parte II

Como todos sabem, as regras definidoras de um *setting* analítico sofreram transformações radicais no decorrer do século XX e se estendem ao nosso. Recapitulando: pelos ditames da IPA – modelo e referência básica até os anos 60, 70 aproximadamente, só era considerado psicanálise o tratamento feito no divã, com frequência entre quatro e cinco vezes por semana. Essa regra vale até hoje em Londres para candidatos em formação e para os casos por eles atendidos. Na França e no Brasil, por exemplo, já há uma flexibilização

na regra da frequência, sendo aceitas três vezes por semana nas sociedades ligadas à IPA.

Nos anos 70 e 80 dois fatores promoveram uma reviravolta inesperada na formatação do *setting*: 1- a ampliação e democratização do mercado com a inclusão de psicólogos (pertencentes ou não às novas sociedades CPRJ, SPCRJ, SPID, etc, desobrigados de obedecer às regras da IPA) e o surgimento de tratamentos lacanianos. Estes últimos propunham muitas vezes a frequência de uma vez por semana em seus atendimentos e com um tempo curto – chamado de lógico – rompendo com os tradicionais 50 minutos.

De início, nesses novos tempos, se disseminou a proposta de frequência de duas vezes por semana, quase como uma nova regra; mas surpreendentemente, mais adiante foi como que se institucionalizando a regra de uma vez por semana, aliás, rotina nos tempos atuais.

Para muitos analistas essa frequência tende a enfraquecer o dispositivo da regressão e acesso aos “nós” congelados da subjetividade. Para outros, ao contrário, a retirada da ênfase na dependência do analista favoreceria o desenvolvimento do ego maduro do paciente exposto assim a uma maior posição de solidão, mas também de responsabilidade.

Acrescente-se à mudança de frequência a do uso do divã (posição deitado); este caiu como exigência fundamental e o face a face deixou de ser uma evidência de resistência, tornando-se até uma prescrição recomendável para muitos casos.

Muito já se escreveu sobre Psicanálise e Psicoterapia, sobre a posição face a face (ROUSSILLON, 1990; VOIZOT, 2005) e até mesmo sobre a frequência de uma vez por semana (LABAKI, 2006), porém, a meu ver, ainda não houve uma assimilação clara das consequências clínicas dessas mudanças. Pode-se argumentar que num certo sentido, nos livramos do rigorismo dos Manuais de Teoria da Técnica, com suas regras e convenções, muitas vezes com um tom superegoico acentuado.

Dou um exemplo da consequência possível de uma dessas mudanças, não no campo do *setting*, mas no da técnica: a máxima dos tratamentos lacanianos “deve-se interpretar na transferência e não a transferência” extrapolou os muros da escola francesa, passando a ser incorporada às análises sem uma reflexão mais refinada e se adequando ao modelo uma vez por semana. É certo que no modelo vigente anteriormente, o kleiniano, as intervenções transferenciais, vistas com olhos de agora, soam abusivas e exageradas pelo seu caráter reducionista, sistemático, invasivo e, por que não dizer, artificial.

Falei acima em consequências: diria que nesse novo contexto a sensibilidade à intervenção transferencial se não se perdeu, de algum modo se empobreceu. Sabemos, entretanto, o quanto em determinados momentos a explicitação da referência relacional pode fortalecer o vínculo, reassegurar a transferência, tranquilizar o paciente e desatar alguns “nós”. Não pode ser esquecida!

Outra modificação sobre a qual pouco se fala diz respeito ao ideal da cura; anos atrás, embutido nos tratamentos clássicos e presentificados no critério de “alta” (termo esse, aliás, ainda associado à tradição médica) e dos términos do processo. A ideia de uma possível “reestruturação total da personalidade” passava então os objetivos do tratamento. Agora, apesar de nos grupos lacanianos os finais de análise serem tematizados e estudados, a dinâmica das demandas, de um modo geral, sugere uma modificação nos objetivos dessas buscas e conseqüentemente também no modo como os processos se finalizam. Acompanhamentos, consultas terapêuticas, etc, são novas e informais designações dadas pelos analistas a uma nova demanda, talvez menos exigente e idealizadora, mas sempre fundada na esperança de minar o sofrimento humano.

Esta breve recapitulação pode ser valiosa em especial para as novas gerações que podem assimilar a nova cena do *setting* como um “*taken for granted*”. Mas para quem atravessou um período mais dilatado da história da psicanálise, sabe com que perplexidade essas modificações foram vividas. Por vezes sendo criadas fortes resistências a elas ou adaptações precipitadas, sem tempo suficiente para uma verdadeira e consistente absorção. A análise *on-line* veio, então, de modo radical e inesperado, se impor sobre diversas alterações em uma matriz que até algumas décadas atrás era vista como imutável.

Parte III

Tratei até agora das regras que regulavam o *setting*: divã, frequência, tendo ficado de fora, não por serem de menor importância, as regras relativas aos honorários. Dou destaque a alguns recortes, apenas alguns, relativos às chamadas regras fundamentais: *a associação livre, a atenção flutuante, a neutralidade e a abstinência* nesse novo *setting*, como disse no título “*Tão perto, tão longe*”.

Acrescento que nesta exposição essas regras se interpenetram ou mesmo se sobrepõem e apenas artificialmente podem ser isoladas. Início tentando dar um aumento às questões relativas à neutralidade e à abstinência, sem discutir com rigor a extensão e os objetivos implicados nesses dois conceitos. Vou

aproximá-los, um como decorrente do outro. Mas para falar deles, algumas palavras sobre as características desse novo *setting* e também da maneira como é vivido pelo paciente. Cada um simboliza o *setting* de acordo com os elementos presentes em sua subjetividade: acolhedor, rígido, frio, impessoal, etc. Da mesma maneira, cada singularidade vai simbolizar o tão longe, tão perto do novo dispositivo: vai se sensibilizar à frieza da tela, à proximidade dos rostos, à estranheza do dispositivo, assustado, atento, seduzido.

Primeiramente, algo sobre a velocidade de comunicação. Estradas de ferro, telégrafo, aviões, internet e o miraculoso “zap” encurtaram as distâncias progressivamente no mundo moderno. Um culto à velocidade e uma impaciência em relação às demoras, se estabeleceram. No caso do novo *setting*, em um *clic* magicamente o paciente passa de uma ambiência profissional, de tarefas domésticas, de uma cena familiar, para a análise. Se por um lado a rapidez implica vantagens – o não deslocamento, por exemplo – vários de meus analisantes mencionam uma certa nostalgia em relação aos benefícios da transicionalidade que a movimentação para o consultório propiciava. Referência especial feita à sala de espera. Destaco aqui a palavra espera expressão criativa de um tempo de preparo e de gestação.

Agora, muitas vezes, esses benefícios têm que ser recriados dentro da própria sessão. Demorei um tanto a perceber isto, pois me exigia também uma conexão mais imediata; e só aos poucos passei a aceitar e compreender melhor essa chegada gradativa do paciente.

Falei em uma mudança repentina no tempo de preparo para o encontro; as representações mentais nesse caso se tornariam instantaneamente alteradas para uma realidade diferente, para um mergulho no subjetivo? Será assim? Isso me remete àquilo que Rolla (anos 70) chamava ansiedade de abordagem (ao lado das ansiedades de manutenção e de separação, verificáveis no interior de uma sessão). Esta implica, num grau maior ou menor, uma resistência à alteração de registros, que agora se torna mais notória em alguns casos e em alguns encontros. Insisto que se trata de uma sutileza, mas me parece que alguma demora na conexão, um tom superficial nas conversas iniciais, por vezes uma espécie de “boletim informativo” podem expressar uma dificuldade significativa a essa modificação súbita de cenas.

Claro que as análises uma vez por semana já evidenciam também algo dessa manifestação: por vezes aparecendo um volume voraz de informações no início da hora, o paciente como que tentando recuperar o tempo perdido, mas também podendo se constatar um tanto de estranheza, um tão longe... São polos diferenciados da mesma dificuldade de conexão.

Falo agora sobre meu manejo e a minha maneira de lidar com estas situações do ponto de vista da neutralidade. Como prometi acima, apenas um recorte. Nos casos mencionados a minha neutralidade habitual, respeitando um tempo de espera ou até acenando interpretativamente para o movimento resistencial é substituída por alguma estimulação de modo a trazer o paciente para a cena analítica, transformando um *tão longe* em proximidade. Se posso dar um suporte teórico a esse movimento, me referiria ao que Roussillon (2021) chama de “conversa analítica”. Este autor propõe furar certo distanciamento, certo isolamento de alguns pacientes com uma abordagem especial, inclusão de perguntas e comentários até que se restitua as condições de uma sessão, digamos assim, mais clássica.

Outro aspecto, talvez mais relevante, diz respeito à neutralidade e à abstinência nessa nova configuração. Ele remete ao *interdito* do tocar, fundamental na sessão analítica, capítulo que mencionei no início como pertencente à dimensão da chamada *função paterna*.

Esse ponto é especialmente importante e por isso apelo para as palavras de Anzieu no *Eu-pele* (1988). Ele mostra como a linguagem na escala evolutiva vem a se constituir, entre outras funções, é claro, num interdito às descargas motoras do bebê, na sua exploração dos objetos e dos corpos, na sua movimentação com objetivo de tudo tocar. De certo modo, este processo, garantidor da aprendizagem das distâncias, é vivido como um *interdito* e funciona, diz ele, como um precursor da proibição do incesto. E tudo isto – e esse é o ponto – se atualiza e se confirma na sessão analítica, quando, por exemplo, não só não tocamos o paciente, a não ser nos cumprimentos, como não atendemos às suas demandas. Impõe-se a linguagem, a comunicação verbal.

Inicialmente rigoroso em sua argumentação, Anzieu (1988) faz algumas modulações quando afirma que se as proibições forem intensas, as consequências serão as inibições no relacionamento, até mesmo no usufruto do toque físico. No caso das sessões, a rigidez na abstinência, na neutralidade, poderá acarretar resistência e bloqueio na espontaneidade do processo associativo. Isso sugere então uma modulação sensível do manejo da sessão.

Ora, sabemos que há toques e toques. E que se a análise não “toca” o paciente, nada se passa. Na sessão presencial o ambiente do consultório, sua temperatura, seus aromas, a textura do divã e das almofadas, o sombreado da iluminação, mas principalmente a presença e a proximidade do corpo do analista, o tom de sua voz, costumam produzir, como diz uma paciente, aquilo que ela sente, às vezes, como um abraço.

No encontro *on-line*, entretanto, o paciente está em casa ou no trabalho, às vezes até na rua, enquanto o consultório do analista se mantém como imagem invariante... embora, agora despojada da sensorialidade acima descrita. Os rostos desprovidos de corpos se encontram às vezes num close cinematográfico, mas a tela fria lembrando paradoxalmente o *tão longe* de tal proximidade.

O enquadramento das imagens fornece novas e frequentemente valiosas informações. Por exemplo: o rosto de um paciente visto sempre de baixo para cima, como se ficasse assim garantida uma posição de superioridade. Ou um rosto bastante próximo à tela, curiosamente num paciente cuja queixa é sentir-se muito sozinho.

Também me lembro de uma jovem, com fortes aspectos histéricos, mas em geral tímida e reservada, que se apresenta agora sob *intenso e preparado* jogo de luzes, como se fosse uma imagem para a capa de uma revista. Agora o potencial de beleza pode ser exposto, sem temer, quem sabe, a reação de quem está perto.

A estas informações inconscientemente produzidas vêm-se acrescentar aquelas mencionadas por Souza (2021) em recente artigo. Nele, afirma que em sua clínica tem encontrado um volume maior de material, habitualmente escondido e objeto de vergonha e, no momento conscientemente transmitido. Como se a distância, a possibilidade de não haver um toque real, encorajasse as revelações e segredos. Ou pode-se pensar também a exposição de vivências mais íntimas expressando um movimento de tocar o analista e dele se aproximar.

Volto mais adiante a esse ponto no exemplo com o qual encerro esta comunicação.

Mas, e ao contrário: a percepção por parte do paciente do enquadramento facial do analista? Para alguns, mínimas informações, sejam elas distorcidas ou não, são registradas e por vezes objetivamente captadas: cansaço, tensão, curiosidade, interesse, alguma distância. Um desvio do olhar, por exemplo, pode ser vivido como afastamento, rejeição, elementos que eram menos perceptíveis na sessão presencial, exigem agora maior atenção nas respostas contratransferenciais do analista.

Voltando à questão da neutralidade, das interdições e transgressões: um curioso fenômeno tem se apresentado. Na minha experiência, entenda-se, digamos que os benefícios da elasticidade da técnica têm se tornado mais elásticos – da parte dos pacientes, de alguns, é claro, mas... da minha parte também. Muito comum tem sido a comunicação de livros, séries de TV, comentários políticos, mas principalmente o envio de mensagens por *zap*, como fotos antigas ou recentes, curiosidades culturais ou históricas, elementos profissionais

etc... Pelo meu lado percebo uma maior informalidade nas sessões, claro que sempre tentando refletir e respeitando o *setting* e os nossos objetivos terapêuticos. Confesso que recebo como bem-vindas as indicações de séries na TV, livros ou artigos políticos. Há algo da indesejável simetria se insinuando na sessão analítica? Sim, mas todos sabemos que apesar da assimetria dos nossos encontros, padecemos da mesma doença – a pandemia – e da prescrição sanitária de isolamento. Aí se encaixam talvez as sugestões dos “remédios” que aliviam o isolamento? Como entender esses movimentos? Que sentido teria agora essa elasticidade? Respondo com perguntas, levantando hipóteses em duas direções:

Em primeiro lugar, pode-se pensar esses movimentos como que se constituindo em compensações pela distância imposta: São atuações? Seduções históricas, transgressões? Ou desejo de falar mais, denúncia da precariedade da frequência de uma vez por semana? O analista numa dívida, inconscientemente vivida, permitindo as mensagens como novas modalidades de aproximação? Ou expressa a busca do toque, restabelecendo alguma simetria e corrigindo uma neutralidade às vezes indiferente e perversa? Sabemos que a assimetria – fundamental na constituição da cena analítica – é dolorosa e apenas fugazmente prazerosa ou gratificante. Mas sabemos também que há uma necessária simetria – a do humano – garantidora da capacidade especular e da empatia. Sem ela, a visão dos pacientes reduzida à categoria “eles”, promoveria a queda no abismo da iatrogênese e do desastre da reação terapêutica negativa.

Em segundo lugar, pensando na direção oposta: esses movimentos, em alguns casos, estariam expressando uma transgressão à Lei que proíbe o toque de modo mais radical? Fique explícito: Lei que agora não é imposta pelo analista, pessoalmente, mas ditada pelas circunstâncias. Desse modo, se os impedimentos não vêm diretamente do analista, o paciente poderia provocá-lo como aliado na transgressão? Como reagir então às mensagens, a esses toques extras? Não sei, estou atento, não tenho clareza ainda para delimitar respostas como nas regras contidas no manual da técnica. Talvez apenas respostas singulares, pois insisto, cada caso é um caso e cada contratransferência deve ser escutada.

Uma palavra agora sobre a associação livre do paciente e seu correlato, a atenção flutuante. Estas correspondem a uma das três dimensões propostas por Green e apontadas no início desta apresentação; é o que permite o acesso ao onírico da subjetividade, em suma, ao inconsciente. Roussillon (2010) nos diz que se “tivéssemos que reter uma única coisa da psicanálise, seria o fato de que ela desenvolve uma teoria de associatividade de funcionamento psíquico,

fazendo daí derivar o método da associação livre”. E pode-se acrescentar a atenção flutuante do analista como uma forma deste método.

Nas análises clássicas, com o divã como posição fundamental, tudo passa pelo aparelho de linguagem. Aí se criam condições para realizar a ausência do objeto e o paciente poder mergulhar com mais intensidade no seu mundo fantasmático. Mesmo no face a face há algum favorecimento, menor que seja, para o paciente ficar sozinho, na presença do outro, como diria Winnicott e então seguir a prescrição sugerida por Freud para o paciente. Ele deve se conceber como num trem, vendo o desfile de imagens e paisagens pela janela. Todo o desfilar dos pensamentos e imagens deverá ser comunicado, se constituindo assim na chamada associação livre (FREUD, 1913/2010).

Mas e na situação *on-line*? Nesta, os silêncios são menores e o recolhimento do paciente também. Por ironia, às vezes, até um momento de suposto recuo e reflexão chega a ser confundido com um congelamento de imagem. Por quê? O tão perto agora se impõe, a proximidade dos rostos, a prevalência da imagem, a força do enquadramento pode se tornar especialmente significativa para alguns e acarretar uma inibição das associações. Apesar de tão longe, a desejável “solidão” não se estabelece, ficando o paciente mais sensível (e o analista também) à posição de observador e observado.

Alguns pacientes (e analistas) preferem a comunicação sem vídeo (não na minha experiência) e outros, poucos, conseguem recriar um *setting* semelhante ao do consultório; se apresentam deitados, portanto não se deixando ver. Na minha clínica, curiosamente essa posição se dá apenas com três pacientes de sexo masculino, com organizações predominantemente obsessivas. Segundo Anzieu (1988) estes últimos preferem inconscientemente a relação de objeto à distância, expressando de algum modo uma fobia de contato e da proximidade, e um horror a ser tocado. Nos três casos mencionados, estes sintomas estão longe de ser explícitos, mas, paradoxal que pareça, as associações transitam de maneira razoavelmente livre no *setting* clássico (divã) recriado por eles.

Assim como esses três pacientes, diria que boa parte da minha clínica funciona sem trazer à baila o que cunhei como *sutilezas*, que exijam maior atenção no meu manejo no que diz respeito à neutralidade, associação livre etc...

Entretanto, parece que nos casos chamados de narcísico-identitários, ou naqueles em que a questão histórica está mais dominante à sensibilidade à imagem e aos aspectos possivelmente sedutores da proximidade que ela agora acarreta, exigem maior cuidado e atenção. Sabe-se que nos casos narcísico-identitários a relação face a face pode inclusive ser especialmente recomendá-

vel. Por quê? Pois favoreceria o estabelecimento de uma relação nova com um objeto, já que o aceno ao representacional implica, à maioria das vezes, vazio ou destrutividade. E por parte do analista, permitiria a observação de informações mímico-posturais que não acederam à linguagem.

De qualquer modo, nesses últimos casos a necessidade de reconhecimento e a sensibilidade à rejeição podem mobilizar intenso controle dos movimentos do analista e, nos pacientes com a presença de elementos históricos, o jogo teatral e a sedução podem se constituir em entrave maior ao desfile associativo e à condição de reflexividade como desenvolvimento do processo de simbolização.

E por parte do analista? Roussillon (2010) nos fala da associatividade deste em duas direções: caminhando em *espelho*, característica da empatia, e o que se desenrola em *separado*, e permite ir além e pensar diferente do “em duplo”, como ele diz. Ora, sem o ajuste da assimetria e a regulação adequada da neutralidade, o segundo movimento pode falhar e estacionar, ficando preso ao especular, à imagem.

Para dar maior vivacidade a estas questões encerro com o excerto de um caso, suficientemente deformado em seus dados e enxugado em suas informações para guardar os critérios do sigilo.

Uma senhora foi proibida pela mãe, desde o nascimento, de ver o pai, de quem ela havia se separado. De vê-lo, mas não só: também de mencionar seu nome e sua existência. E só foi encontrá-lo aos 20 anos, no seu leito de morte.

Elina – vou chamá-la assim – fez um casamento estável, teve muitos filhos e desenvolveu uma profissão na qual foi bem-sucedida, mas... Próxima à meia-idade teve uma paixão platônica por um artista de novela que fazia um papel de padre. O afeto incompatível com seus valores lhe custou um surto e uma confissão desesperada, já que vivia seu sentimento como inaceitável, pecaminoso, que a enchia de culpa. Essa confissão foi feita para a própria família. Já a vi em análise em três etapas: duas presenciais e agora *on-line*, já que vive no exterior. Na primeira, recapitulou momentos de sua vida; o assunto ausência do pai sempre presente; na segunda, o tema predominante foi uma paixão, também à distância, por um senhor casado do seu círculo de relações. Foi algo que se dissolveu com o tempo. Fui procurado pela terceira vez quando se encontrava novamente deprimida. Propôs ter sessões duas vezes por semana e reiniciamos através do contato virtual.

Passado algum tempo, Elina confessa diretamente e sem rodeios que nunca sentiu afeto tão profundo como o que nutre por mim. Ela diz: “sei que é a tal transferência e que tem algo a ver com o pai, mas... não quero saber”. Mais adian-

te se pergunta por que isto foi acontecer agora e, para minha surpresa, afirma: “tem algo a ver com o virtual!”. Eu arrisco que a distância talvez tenha lhe dado coragem para viver um afeto que a vida estava lhe devendo. Uso essa fórmula um tanto ambígua sem mencionar a figura do pai. Elina de imediato me contradiz: “não, ao contrário, agora está muito mais próximo, acho que é isso!”.

Sua fala na sessão parece às vezes querer recriar um tom de namoro, sem associações, com perguntas, como querendo me envolver. Sustento com delicadeza e alguma dificuldade a neutralidade que a situação exige, e as associações voltam: “sonhei com você” diz ela, “estávamos eu, você e uma menina pequena a quem você entrega uma carta com caracteres que só você conseguia decifrar. Em outra cena, você me acompanhava à solenidade da missa ou enterro de alguém importante. Penso em pegar na sua mão, mas recuo”. E retomando alguma reflexividade, pergunta: “de quem seria o enterro: do meu pai? Da minha mãe?”. Eu penso: “ou da análise, posta em risco pelo seu amor transferencial?”.

Algumas sessões mais adiante, comunica que quando vier ao Brasil pensa num encontro presencial no consultório. Mas diz que fica com muito medo. Independente de uma tentadora análise do caso, o que não se impõe aqui são as muitas questões sobre o “perto/longe”.

Foi longo o tempo de conhecimento que permitiu esse movimento? A proximidade da imagem virtual, como propôs a paciente, teria de fato funcionado como um facilitador? Ou, ao contrário, reassegurada pela distância, ousa no espaço onírico querer segurar minha mão, me tocar? Agora com a garantia de que isto não vai ser possível: nem o seu movimento real, nem a desejada, mas temida, resposta de um analista; quem sabe, em seu imaginário, seduzido. Não fica também descartada a hipótese de que, como disse anteriormente, sem me dar conta, eu tenha afrouxado a neutralidade e favorecido o aprofundamento do material. Paradoxos a serem pensados.

Finalizando:

Atualmente os psicanalistas, fora do controle da IPA, pertencem a instituições onde as regras não são impostas e parecem mais distantes dos ditames dos manuais da Teoria da Técnica. Mas o que ocorre então com as regras?

Em relação à: Frequência (existem agora até propostas de análises quinzenais), férias, duração, critérios usados para faltas de pacientes, flexibilização da neutralidade, honorários, no *on-line*, com vídeo ou sem, etc. O estabelecimento das regras, mantido certo norte de sensatez em relação aos critérios mais gerais, em princípio agora *desliza para o individual*. Ao respeito à singularidade do paciente se acrescenta agora a singularidade do analista no que diz respeito às decisões relativas às regras – ou na dependência da troca entre colegas de pequenos grupos.

Nada disto leva a um caos, mas exige de cada um de nós uma atenção especial ao *enquadre interno*. Este é o invariante do título desta exposição. E existe também a manutenção da disposição para a escuta e da reflexividade e de uma distância ótima para aquilo que é o novo *setting*, mesmo que a princípio pareça adverso ao que classicamente constituiria uma análise.

Tramitação

Recebido 12/02/2022

Aprovado 14/02/2022

Referências

- ANZIEU, D. *O eu-pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1988.
- FREUD, S. (1913). *O início do tratamento*. São Paulo: Cia das Letras, 2010. (Obras completas, 10).
- GONDAR, J. Psicanálise on-line e elasticidade da técnica. *Cadernos de Psicanálise-CPRJ*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 42, p. 37-45, 2020.
- LABAKI, M. E. Sobre a sessão única e o rosto do analista. *Percurso*, São Paulo, n. 36 -1, 2006.
- PERELBERG, J. P. The empty couch: love and mourning in times of confinement. *The International Journal of Psychoanalysis*, v. 102 – issue 1, 2021.
- ROLLA, E. Aula para psicólogos no Leme Palace Hotel, anos 70.
- ROUSSILLON, R. Quelques remarques épistémologiques à propos du travail psychoanalytique en face à face. *Psychoterapies Psychanalytiques*, 1990.
- _____. *A conversa psicanalítica: um divã em latência*. Apostila, 2020.
- _____. *Associatividade e suas extensões*. Apostila, 2010.
- SILVA, P. S. L. O medo e a experiência do tempo, do espaço e do contato durante o confinamento. *Cadernos de Psicanálise-CPRJ*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 42, p. 81-92, 2020.
- SOUZA, O. Comunicação Pessoal, 2021.
- VOIZOT, B. Le tiers indispensable au travail psychoanalytique en face à face. *Revue Française de Psychoanalyse*, v. 69, 2005.